

## OS DOIS OSWALDS

Antonio CANDIDO\*

### 1.

Sempre me pareceu que Oswald de Andrade era dividido ao meio, como homem e como escritor, e foi o que comecei a dizer em artigos desde 1944. Eu escrevia que a sua obra ficcional era avançada e criadora nas duas narrativas que englobei depois sob a designação de "Par", - *Memórias sentimentais de João Miramar* e *Serafim Ponte Grande*. E era inesperadamente passadista, apesar da técnica, na "Trilogia", isto é, os três romances subordinados ao título geral de *Trilogia do Exílio*, mais tarde substituído pelo do primeiro, *Os condenados*. Finalmente, achava que a série *Marco Zero* (inacabada), prevista como coroamento de sua obra ficcional (já então com o intuito de fazer "literatura engajada", como se dizia) era mal realizada e se aproximava da "Trilogia" como teor e qualidade.

As restrições dos artigos iniciais não agradaram obviamente Oswald, que se defendeu me atacando de rijo num artigo depois recolhido no volume *Ponta de Lança*. Mas ao ver que eu continuava analisando a sua produção de maneira objetiva voltou às boas, e a partir do desentendimento as nossas relações, antes apenas cordiais, tornaram-se amizade estreita.

Concordo que é banal dizer de alguém que é dividido, porque no fundo todos somos. Mas há divisão e divisão. Mário de Andrade disse num verso conhecido:

Eu sou trezentos, sou trezentos e  
cincoenta,

---

\*Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP

.....  
.....  
Mas um dia afinal eu toparei  
comigo,

e procurei cumprir este programa. De fato, o seu esforço foi sempre buscar unidade na vida e na obra, podendo dizer-se que tentou arduamente a coerência sem desconhecer as incoerências, como convinha a homem tão lúcido e reflexivo.

Oswald, ao contrário, era espontâneo e intuitivo, mentalmente brilhante, mas pouco ordenado. Por isso nunca procurou domar racionalmente o jogo das contradições. Viveu com elas e elas formaram os dois blocos opostos a que aludi e indicam certa incoerência, que aliás parecia não perturbá-lo. Com sua enorme força de vida ele sempre arrastou tumultuosamente as contradições não solucionadas.

Procurando sugeri-las, começo por verificar rapidamente o que ocorre em sua obra narrativa, a única que abordarei, lembrando que ele é quase sempre excelente na poesia, no teatro e no debate de idéias.

No "Par" domina uma linguagem condensada e fulgurante, um estilo de tendência fragmentária admiravelmente adequado à visão anti-convencional, à completa ausência de sentimentalismo, ao sarcasmo e ao mais acerado humor. Na "Trilogia" parece que esta escrita, aparentemente a mesma, perdeu as asas, pois não se ajusta à concepção do mundo e dos personagens, tornada convencional e sentimental, séria entre aspas, própria da literatura de tonus baixo. O "Par" corresponde a um modo modernista e avançado, enquanto a "Trilogia" corresponde a um modo pelintra de origem decadentista, isto é, aquelas raízes indiscretas que Oswald não conseguiu liquidar de todo. Por isso, no

"Par" as imagens são novas, ousadas e criadoras, mas na "Trilogia" são artificiais e grandiloquentes. Entretanto, os dois grupos de obras foram compostos praticamente lado a lado, intercalando-se como se o autor se desdobrasse num modernista e num passadista, num escritor aparentado às vanguardas européias e num escritor ligado tanto à "écriture artiste" quanto à retórica neo-simbolista.

Nessa diferença de "modos", a presença ou ausência do humor deve ter sido decisiva, sendo certo que uma das grandes lições do nosso Modernismo foi o papel profilático, regenerador e humanizador do humorismo. "O claro riso dos modernos" (título de um artigo de Ronald de Carvalho) operou prodígios de higiene mental e social, caracterizando os grupos esteticamente coerentes, enquanto os escritores mais convencionais se revestiram de uma seriedade pouco séria que deve ter contribuído para levá-los a posições reacionárias a partir de um modernismo equivocado. Na literatura brasileira de nossos dias há notória e lamentável decadência do humor, que agora só é cultivado pelos humoristas propriamente ditos, deixando de ser a brilhante senha que foi para tantos escritores avançados do período entre as duas guerras. É o caso, por exemplo, das vanguardas dos últimos decênios, que são compenetradas e sem graça, porque se levam a sério demais; e isso pode ser um perigo na vida intelectual.

Com os modernistas de 22 era diferente, e nenhum deles mais do que Oswald usou o "claro riso" como ingrediente libertador, que nele foi também condição de excelência. Sempre que pôs de lado o humor, na "Trilogia" ou no *Marco Zero*, a tensão baixou, e do Oswald rebelde e criador despreendeu-se um surpreendente Oswald

sentimental, bem menos certo.

Mas as contradições não existiam apenas na obra narrativa; estavam presentes também no seu comportamento, no seu modo de ser e até de falar. Um traço que só pode ser avaliado pelos que o conheceram pessoalmente era o seu jeito empolado de dizer poemas e fazer discursos. Eu o vi diversas vezes nessas atividades e pude verificar que usava uma dicção cantada, modulando a voz como se estivesse imitando oradores canastrões. Nesse tom fez, por exemplo, o bellissimo discurso na sessão de encerramento do 1º Congresso Brasileiro de Escritores (1945), como se dentro do iconoclasta irreverente da Semana sobrevivesse o orador oficial (que de fato foi) do Centro Acadêmico da Faculdade de Direito, o XI de Agosto.

Também na vida pessoal Oswald denotava contradições interessantes. Ele casou seis vezes, geralmente com alguma formalidade de tipo legal ou religioso, e isso lhe deu fama de imoral e anti-familiar na esfera das classes média e alta de São Paulo. Ora, eu o ouvi dizer mais de uma vez, meio sério, meio brincando, mas com visível intuito de afirmar a sua natureza, coisas como: "Eu sou família!" Ou: "Eu sou o brasileiro que mais respeita o casamento. Quando quero uma mulher, caso com ela, ao contrário da maioria dos homens, que só têm uma mulher legal, mais muitas amantes sucessivas".

Vejo nesta atitude não apenas paradoxo, mas também mais respeito pela mulher e pela família do que é habitual na sociedade brasileira. A prova era a organização da sua vida doméstica, o ritmo dos eventos familiares, com festas, reuniões, almoços; ou o interesse pelo desenvolvimento mental de suas companheiras, que estimulava o que podia no terreno da

cultura; ou, ainda, a dedicação e o profundo amor pelos filhos. Significativamente, estes, oriundos de três casamentos, acabaram sempre ficando com ele nos casos de separação, não com as mães, o que é índice do seu sentimento de responsabilidade familiar.

Concluo que havia nele o respeito pela mulher num plano essencial. Daí o fervor com que preconizava a sua liberdade e valorizava o seu papel. Verdadeiro precursor, queria vê-la como eixo da sociedade, remontando para justificar-se a teorias mais ou menos válidas sobre o matriarcado, que lhe serviram como ponto de apoio para condenar o patriarcalismo autoritário e abrir a perspectiva de um estado de coisas onde a preponderância feminina permitiria a igualdade econômica e o fim da violência. Convenhamos que a ser o Barba Azul da lenda, seria um curioso Barba Azul familiar e feminista...

Talvez valha também a pena aludir à religião, pois nesse contundente adversário dos padres e da igreja oficial, que dava a impressão de ter superado inteiramente a idéia de Deus, havia um substrato de fé, traduzido no acatamento por hábitos e práticas próprios de pessoas observantes. Os seus livros, até *A estrela de absinto* inclusive (1927), terminavam pela fórmula de louvor a Deus: "Laus Deo". Sabe-se que eventualmente rezava e houve quem o visse usando bentinhas debaixo da camisa. É provável que na raiz dessas sobrevivências estivesse a lembrança arraigada de sua mãe, que o educou na mais estrita fé católica e cuja memória ele sempre venerou.

Menos importante, mas ainda assim valendo menção, é a prosápia genealógica desse rebelde igualitário, que a partir de 1930 foi comunista militante e atacou de vários modos a burguesia e suas pompas. Com

ar de estar fazendo *blague*, nunca deixava de mencionar por escrito ou em conversa, quando fosse o caso, que era descendente do Capitão-Mor Tomé Rodrigues Nogueira do Ô, fundador de Baependi no começo do século XVIII e tronco de uma importante família mineira depois alastrada por São Paulo e Rio, com marqueses, condes e barões do Império. Isso, do lado do pai, José Oswald Nogueira de Andrade. Pelo lado da mãe se orgulhava de descender dos "Souzas de Mazagão", defensores desta última praça forte portuguesa em Marrocos, aos quais contava que o Rei D. José I mandara "dar o Pará", depois de Pombal lhe haver dito, em resposta a uma pergunta desdenhosa, que eram "tão nobres quanto Vossa Majestade".

Finalmente, o iconoclasta que ria das instituições oficiais ensaiou duas vezes candidatar-se à Academia Brasileira de Letras e quis ser professor universitário, fazendo em 1945 um concurso de Literatura Brasileira do qual saiu Livre-Docente, e ensaiando outro de Filosofia no começo dos anos de 1950. Eu diria para brincar um pouco que naquela altura ele estava se contradizendo ao querer ser "chato-boy", isto é, equivalente aos rapazes segundo ele estudiosos, sensatos e sensaborões, entre os quais eu... Aí, Oswald parecia querer entrar na pele da engraçada alcunha que inventou para caçoar dos jovens universitários de São Paulo.

## 2.

Passo agora a outro tópico, cuja exposição pode dar elementos para ilustrar o anterior.

Em 1926 ele fez uma viagem ao Oriente Próximo, na companhia do filho mais velho (único naquele tempo) José Antonio Oswald (Nonê), da então esposa Tarsila do

Amaral e dos casais Altino Arantes e Cláudio de Souza, gente do tipo mais convencional que se possa imaginar. Altino Arantes - católico piedoso, autor de um escrito sobre *A devoção mariana perante a razão e o coração* - foi político importante, inclusive Presidente do Estado de São Paulo de 1916 a 1920, orador, membro da Academia Paulista. Cláudio de Souza passou bem cedo da medicina aos negócios e ganhou fama como autor de algumas peças de êxito, como *Flores de Sombra*. Era da Academia Brasileira de Letras e foi depois mentor do PEN Clube do Brasil, caracterizando-se como literato do tipo "homem de sala".

Ninguém imagina hoje esta companhia tão estranha para um Oswald que as gerações atuais imaginam como um ser à margem da vida burguesa. Mas, à maneira de outros modernistas, ele tinha ligações normais com ela e as manteve mesmo depois de entrar na luta comunista.

Os viajantes embarcaram em Marselha no vapor *Lotus*, visitaram Nápoles, Pompéia, a Grécia, Rodes, Chipre, a Síria, a Palestina e o Egito. A excursão rendeu duas representações literárias: uma ficcional de Oswald de Andrade, que é a viagem em escorço pitoresco de seu personagem Serafim Ponte Grande; e um relato de Cláudio de Souza, o livro *De Paris ao Oriente*, 2 volumes, Rio, Gráfica Sauer, 1928.

O escrito de Oswald está na parte do romance intitulada por antífrase "Os esplendores do Oriente". São poucas páginas de prosa sintética, costurada de imagens em cascata, nas quais um Oriente esqualido é cenário da vertiginosa perseguição erótica das duas moças, Pafuncheta e Caridad Claridad, pelo protagonista. A experiência da viagem é transfigurada em substância de ficção.

*De Paris ao Oriente* parece contar a

viagem como ela ocorreu, mas sem exatidão documentária, pois começa por suprimir o menino e as três senhoras. O narrador é anônimo e os nomes dos companheiros são discretamente alterados: Altino Arantes é Amaral e Oswald, Gonçalo, não havendo porém razão para pensar que tenha havido distorção essencial dos fatos, além de toques literários inevitáveis. É possível que Cláudio de Souza alterasse o real pela imaginação, mas se assim foi ele o fez com grande propriedade, porque sentimos o tempo todo em Gonçalo a maneira de Oswald. Imagino que as diferenças (também sensíveis em muitos trechos) se devam ao fato de Cláudio de Souza reduzir ao seu jargão próprio o que fez e disse o companheiro de excursão, ou de descrever como efetivo o que pode não ter passado de possibilidade.

Assim, há um momento em que Gonçalo, aborrecido pela falta de banho no hotel, em Atenas, resolve lavar-se na torneira do corredor, nu em pêlo (vol. I, p. 51). Pode-se supor que Oswald tenha ameaçado burlescamente fazê-lo e Cláudio de Souza aproveitou para construir a cena. No caso das falas é provável que tenha procurado reproduzi-las com exatidão, acabando no entanto por deformar sem querer, ao passá-las pelo coador medíocre de sua prosa. Daí haver quase sempre um ar de diferença na semelhança. Mas isto posto volto a observar que a invenção, o pastiche ou a paródia eventuais correspondem ao que era Oswald, permitindo considerar *De Paris ao Oriente* documento válido no geral. Com uma ressalva, todavia: quem está em cena é um Oswald em plena atividade de "espantar o burguês", pois é provável que em face daqueles dois monumentos acadêmicos bem pensantes a sua verve se sentisse espicaçada e ele assumisse no dia-a-dia o comportamento de choque,



criando o escândalo possível.

Desde o começo sentimos a sua presença em Gonçalo, como ele gordo, alegre, exuberante, iconoclasta e brincalhão, mas com um toque mais carregado de futurismo, talvez a maneira de Cláudio de Souza receber a mensagem modernista, sempre assimilada aos padrões de Marinetti pela opinião média. Ao jeito de Marinetti, Gonçalo tem horror dos monumentos, da arte tradicional, não ressalvando nada. E à maneira de Oswald, usa a cada momento o paradoxo como arma de ataque e provocação. Por exemplo, quando reabilita o porco ou desqualifica a porta, que segundo ele é uma contradição, ao *abrir* o acesso de um espaço, a casa, feito para ser *fechado* (I, 8-9). Blagues de Oswald? Paródias pertinentes?

Também marinettiano é o constante louvor que Gonçalo faz à vida tumultuosa, às paisagens convulsas, contrapostas aos equilíbrios serenos, atitudes mentais que correspondem a um modernismo de programa. Mais característico é o comportamento, como em certa brincadeira na Síria, quando os viajantes são surpreendidos por um "Viva o Doutor Amaral, futuro Presidente da República do Brasil", partido em português de um grupo de árabes. Era um sírio que vivera em Minas e fôra emprazado por Gonçalo... (I, 96) Bem oswaldiano é o episódio em Chipre, onde os viajantes são ciceronados por um estudante grego que amava certa moça cipriota, cujo pai o rejeitava por não lhe conhecer a família. Então Gonçalo arquitetou o plano de apresentar-se com os amigos como sendo parentes, e ante o aspecto bem posto do grupo o pai consentiu no casamento (I, 85). Quem conheceu Oswald ou leu as suas memórias sente a realidade provável do relato.

Tipicamente oswaldiana é a observação de Gonçalo no Vale de Josafá,

depois de ter avaliado as suas dimensões:

"- Estamos livres do júri final. O espaço não chega nem para a população da Palestina que é de 80.000 habitantes". (I, 193)

Ou também a sua recusa de participar de uma excursão pelo Nilo, alegando que ela estava toda no folheto turístico. E como prova expôs por escrito o que seria a banalidade do passeio, terminando assim:

"O Egito, a Grécia, Roma antiga, *et coetera, et a coetera*, são pedras, litíases, são cálculos renais a que os ureteres deram formas exóticas de Partenons, de Pirâmides, de Mesquitas, de Coliseus, do diabo a quatro e estão obstruindo a alma estética universal como fenômenos de retenção que acabarão em uremia grave". (II, 110)

Cláudio de Souza começa a alegada transcrição dizendo: "Dou a seguir as notas que ele jura nunca me haver enviado". Isso talvez queira dizer que se neste caso ele deixou ver que se tratava de paródia, talvez nos outros tenha mesmo efetuado o registro, tão fiel quanto foi capaz de realizar, dos atos e ditos de Oswald. É o que sentimos em certos momentos que correspondem ao que ele era e fazia.

Na Igreja da Pompéia, por exemplo, o narrador vê com surpresa o irreverente Gonçalo rezando. "A um olhar meu respondeu com o seu sorriso de sempre:

- Com isto não se brinca meu caro. Futurismo é lá fora! (I, 31)

Em Jerusalém Gonçalo demonstra possuir sobre tapetes orientais um saber que causa admiração aos companheiros. Mas descobrimos, depois, que se servia de uma catálogo da Oriental Carpet Co. que trouxera de Esmirna". (II, 33)

Com efeito, a informação apressada

e fragmentária, transformada em aparente erudição, era habitual em Oswald, leitor impaciente e salteado, que às vezes cortava apenas parte de um livro, sobre o qual podia não obstante falar com pertinência, graças ao talento excepcional e à capacidade de "pegar no ar". Do mesmo modo, é fiel o tom de certas tiradas de ênfase desconcertante; ou de certas fórmulas que transitam da pompa verbal à melhor expressividade, como dizer que o Oriente é "hoje uma oftalmia purulenta que se enxuga às fraldas da miséria (II, 173). Para não falar em achados e trocadilhos notáveis, mesmo filtrados pela escrita acadêmica do narrador, e é o caso das velhas prostitutas egípcias, com tabuletas indicando idades ficticiamente reduzidas:

"- Foi para saber ao certo a idade dessas mulheres - gritou Gonçalo - que Pitágoras inventou sua tábua de multiplicação quando esteve em Alexandria!..."

"- Atenção, amigo, em cada uma dessas mulheres quase um século vos contempla!..." (II, 160 e 161)

Em Nazaré (cidade que estimula a literatice devota e sentimental) Gonçalo saiu a passeio e logo voltou trazendo a seguinte descrição oral:

Escuro. Ladridos. Tropeções em pedras soltas. Quem vem lá? D. Juan que vai à caça...Au...ão...ão...ão... Ouve-se uma corneta: Ta...te...re...ti... Quartel de polícia: Ti...ri...ti...ri...ti...ri... Canta um galo: Ki...ki...ri...ki...ki...i...i... Responde-lhe uma galinha: CÔ...cô...ré...cô...

E afirmou categórico:

- Quem ao ouvir esta descrição não "sentir" uma noite em Nazaré, é uma animal bípede com cérebro de quadrúpede." (I, 119)

Ainda aqui: reprodução mais ou menos fiel? Paródia? Gonçalo é um Oswald

possível e deve corresponder com certa fidelidade ao que foi o viajante singular no meio dos dois figurões solenes que o viam com certa condescendência compreensiva... E o relato documenta o que eram capazes de perceber nele. Ainda aqui, portanto, pode-se dizer forçando a nota que há dois Oswalds, embora noutro sentido: o de verdade e o Oswald visto pela sociedade convencional, meio perplexa com a sua rebeldia genial.